



por **Vicente Nunes** / vicentenunes.df@dab.com.br

Mais um engodo

A presidente Dilma Rousseff garante que fará o "dever de casa" para controlar a inflação. Mas quem olha o histórico da carestia logo se pergunta: como? A petista reeleita para um segundo mandato passou os últimos quatro anos dizendo que o custo de vida estava sob rédeas curtas. Mas, além de, em nenhum momento, ter levado o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para o centro da meta, de 4,5%, desde junho o indicador vem se mantendo sistematicamente no limite da tolerância, de 6,5%, ou acima dele.

Os sinais de descontrole da inflação são evidentes. Tanto que, hoje, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgará a carestia em outubro e as projeções apontam para 0,46%. Se confirmado esse número, a taxa acumulada em 12 meses cravará 6,63%. Será o terceiro mês seguido em que o IPCA romperá o teto da meta. Em novembro, quando o índice oficial for anunciado, não será diferente: deverá bater em 6,70%. Na melhor das hipóteses, cederá para 6,46% em dezembro, o que livrará o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, do vexame de ter de escrever uma carta à Nação justificando por que falhou na missão de manter a inflação dentro da meta.

Não é segredo para ninguém que o atual governo foi leniente no combate à carestia.

Travestida de ministra da Fazenda e de presidente do BC, Dilma adotou a política de que um pouco mais de inflação ajudaria a impulsionar o crescimento da economia. Errou feio. O custo de vida não só se acomodou no teto da meta ou além dele, como o Produto Interno Bruto (PIB) encolheu. Caiu 0,2% nos primeiros três meses deste ano e 0,6% no segundo trimestre, caracterizando recessão técnica.

É difícil acreditar no discurso da petista. Para que, efetivamente, a inflação convirja para o centro da meta nos próximos anos,

será necessário um grande choque de confiança. Dilma, sozinha, não convence. Por isso, a grande comoção em torno de quem será o ministro da Fazenda e de qual será o tamanho da autonomia que ele terá para conduzir a política econômica.

Na semana passada, três dias depois das eleições, o Banco Central decidiu agir para evitar o pior. Elevou a taxa básica de juros (Selic) de 11% para 11,25% ao ano. Ontem, avisou que continuará arrochando a economia, pois o dólar, que atingiu a maior cotação em nove anos, R\$ 2,57, não dá trégua, e os reajustes da conta de luz vão pesar no cálculo do IBGE. Dentro do BC, já se fala que são de quase 80% as chances de o IPCA romper o teto da meta com o reajuste de 3% na gasolina e de 5% no diesel.

É legítimo Dilma adotar um discurso ortodoxo, pregando o combate à inflação e o corte dos gastos públicos. Mas entre as palavras e as ações, há uma distância enorme. Foram quatro anos de promessas não cumpridas e de todo tipo de estripulias. Mesmo com todos os erros na condução da economia, a petista venceu as eleições. Mas a margem pequena de votos mostrou que os brasileiros estão no limite da tolerância. Certamente, não aguentarão mais quatro anos de inflação alta e crescimento medíocre.

BC pendurado em futuro ministro

Na avaliação do Eduardo Veijo, economista-chefe da INVX Partners, a tendência é de o Banco Central elevar gradualmente a taxa básica de juros. Para ele, quando dezembro chegar, a Selic subirá mais 0,25 ponto percentual, para 11,50% ao ano. "A tendência é de o BC ser mais comedido no arrocho monetário, apostando que o futuro ministro da Fazenda realmente fará um ajuste fiscal mais consistente", diz. "O BC sabe que o aumento das despesas do governo ajudou a inflar o IPCA."

O maior medo da PwC

» A Petrobras aumentou ontem os preços dos combustíveis, mas os problemas da empresa estão longe de acabar. A presidente da companhia, Graça Foster, está com a faca no pescoço. A PwC, firma que audita os balanços da petroleira, garante que não dará sossego até ter a certeza de que todo o processo de corrupção que tomou conta da estatal não minou a saúde dela. O maior temor da PwC é ter o nome jogado na lama mundialmente ao fazer vista grossa a desmandos que desviaram R\$ 10 bilhões da Petrobras.

Pobres sofrem mais

» "País rico é país sem pobreza", o slogan do atual governo, foi para o lixo anteontem, com a divulgação, pelo Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), de que a miséria aumentou no país. A inflação e o baixo crescimento falaram mais alto. Nada é pior para os mais pobres do que a carestia. Dilma parece não ter aprendido essa lição básica.

Ladainha de Mantega

» O ministro da Fazenda, Guido Mantega, reúne-se hoje com economistas de grandes bancos e de consultorias na Fundação Getúlio Vargas (FGV) para falar sobre ajuste fiscal.

Caffarelli em Milão

» Cotado para assumir a presidência do Banco do Brasil, Paulo Rogerio Caffarelli está em Milão, na Itália, onde comemora bodas de prata — 25 anos de casado.

Com Rosana Hessel